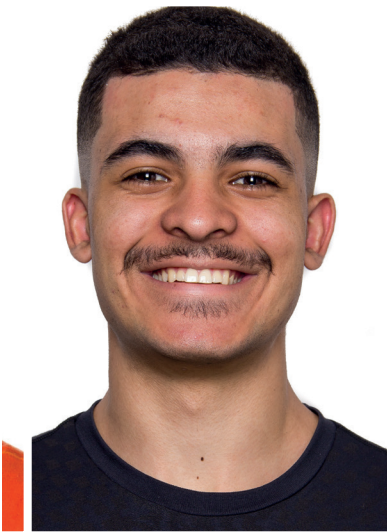


EM CASA  
A CAMINHO  
DO MUNDO



T 120



# EM CASA A CAMINHO DO MUNDO



T 120

**Gestor do Projeto**

Wilson Krette Junior

**Coordenação Técnica**

Érica Gonçalves da Silveira

Isabel Cristina Mota

**Organizadores**

Andreia Aparecida de Oliveira Caetano e Eduardo Garcia

**Consultores**

Noemi Jaffe

Isabela Noronha

**Mediadores de Comunicação Visual**

Claudio Murena Miranda Junior

Evandro Capelasso

**Digitação**

Cleitson Michael de Almeida

**Fotografia**

Conrado Augusto Mairesse Silva

Ed da Ressureição Junior

**Revisão do texto**

Aurora Seles

**Apoio Técnico**

Juliana Coutinho Amaral

Andrea Fernanda Aparecida Pires Moraes

**Comunicação**

Ana Elisa Pereira de Almeida, Diego Santos

e Milena Duarte de Araújo

**Locução**

Deborah Del Izola Santos

**Publicidade**

Maria Pia Banchieri

**Patrocínio**

SENAC – Lapa Scipião

## AUTORES

Andressa Pereira  
Anna Silva  
Beatriz Fernandez  
Cesar de Oliveira  
Cleitson Michael  
Daniella Passos  
Douglas Henrique  
Gabriel Hashimoto  
Gabriel Veloso  
Geovana Emilaine  
Izanara Sousa  
Jorge da Silva  
Maikon Santos  
Paola Alcobaças  
Rafael Ponciano da Silva  
Renato Silveira Silva  
Thalita Siqueira

## FOTO DE CAPA

Tamires Amorim

## ILUSTRAÇÕES

Douglas Henrique  
Jorge da Silva  
Renato Silveira Silva



## PREFÁCIO

Pensamos o futuro.

A sala de aula é um ambiente que proporciona a troca de conhecimento, de saberes e, principalmente a oportunidade de aprender. Esse processo é conjunto. Uma unidade escolar só tem sentido com o movimento diário e complexo, de pessoas em busca de informação. E tudo começa com as primeiras palavras, ouvidas e pronunciadas. A partir daí abre-se o universo da comunicação.

Observamos, de modo pueril, e também técnico, a evolução da espécie. E é fato, as crianças contribuem – e muito – nesse aspecto. Sob esse olhar os educadores incentivam a criatividade e o envolvimento dos discentes. Estes são primordiais para o amanhã.

O encontro de uma turma, com menos de 20 adolescentes, é surpreendente pelo conteúdo de histórias e informações em suas bagagens. Eles querem falar, desabafar, chorar, sorrir e também ensinar. Desta maneira nasce um grupo de pensadores (e escritores!) que relata suas experiências domésticas e urbanas. Ah, como eles falam! E o melhor, como é bacana ouvi-los. São vivências singulares, mas somadas ao grupo, criam um sincronismo absoluto. Eis o convite: faça uma imersão nas crônicas a seguir e sinta a nostalgia da juventude.

**Aurora Seles**





## AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho ocorreu com a colaboração, o estímulo e o empenho dos professores, coordenadores e colaboradores.

Expressamos a gratidão e apreço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para este objetivo tornar-se realidade.

Estamos gratos pela liberdade de ação, decisiva, que nos permitiu realizar esse projeto, que também, contribuiu para o nosso desenvolvimento pessoal. Foi, e continua sendo fundamental na transmissão de experiências, criação e solidificação de saberes para o sucesso mútuo.



# INSPIRAÇÃO

Como jovens cidadãos, agora formados no curso de aprendizagem, queremos mostrar o que nos marcou, mostrar que não éramos apenas adolescentes e sim, pessoas capazes de ser inseridas na sociedade.

Deixar nossa marca e passar nossas experiências e aprendizagem, para futuros estudantes, foi o que mais nos motivou a confeccionar este livro, além da motivação dos professores que nos apoiaram a cada passo, mostrando que somos os protagonistas desse mundo e que nada nos atrapalharia.



# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	9
Agradecimentos.....	11
Inspiração .....	13
Uma heroína em meu prédio .....	18
Rainbow Treta de Irmãos .....	20
Tudo aconteceu num domingo.....	22
Desespero de infância .....	24
Pro dia nascer feliz .....	26
Eu te perdoo .....	28
Frustração.....	30
Anti-rotina .....	34
Próxima Estação .....	36
Caloroso e bondoso... Ou não .....	38
Comédia no metrô .....	40
Ritmo .....	44
Primordial .....	48
A voz da Giovana não é irritante.....	50
Aquela viagem! .....	54
Visitando vidas.....	56
Rico, porém pobre.....	58
Sorrisos dizem muito .....	60
Exijo meu salário como robô.....	62
Noite 3 estrelas.....	64
Em direção ao amor .....	66



EM CASA

# UMA HEROÍNA EM MEU PRÉDIO

Beatriz Fernandez

Lá vamos nós. Após um dia cheio de surpresas nada felizes, em que meu único desejo era chegar em casa e fazer igual a filha de um famoso tropicalista: colocar minha chinela top e ufaaa, enfim chegar ao paraíso.

Mas, como de costume, minha vida nunca ocorre como planejado. E olha que sou daquelas com planos A, B, C, D...Já deu para entender que é o alfabeto inteiro, né?

Quem diria, chegar em casa foi o mais fácil. O que eu não contava era com a algazarra que acontecia no apartamento de cima. Nossa! Era gritaria de mãe versus gritaria de criança, choro de bebê e uma correria sem fim. Como isso? Nós vivemos em apartamentos de quarenta e dois metros quadrados! Como aquela criança conseguia correr tanto?

Sempre fui daquelas moradoras acostumadas a andar nas pontinhas dos dedos dos pés de madrugada para que o monstro do lago Ness, vulgo vizinho de baixo, não reclame e eu conseqüentemente ouça um sermão daqueles que só meu pai sabe dar.

Não teve jeito. Vesti minha fantasia de monstro do lago Ness revestida pela coragem de um cavaleiro e lá fui eu conversar com a dona do apartamento de cima. Bato na porta, o barulho chega a ser mais ensurdecador de perto. Como alguém consegue sobreviver em um ambiente daquele? Foi então que a dona do barulho abriu a porta e, para minha surpresa, não era ninguém mais, ninguém menos que minha musa inspiradora da infância, aquela que enfrentava os vilões mais terríveis, a líder, o mito, a amazona mais bela e incrível da Liga da Justi-



ça, sim: a mulher maravilha. Mas, gente, naquele momento a coitada não tinha nada, absolutamente nada, de maravilha. Muito pelo contrário. Quando abriu a porta que, diga-se de passagem, ela tinha força para derrubar, minha querida Diana me olhava de maneira tão frágil, tão desesperada, tão descabelada! A coitada estava de pijamas, com uma aparência cansada, cheia de olheiras. E a sua casa, nossa, essa estava em estado de calamidade: louças espalhavam-se pela pia, pela mesa e até em cima do fogão.

Quem diria! Minha heroína, tão incrível quando o assunto era salvar cidades e grandes nações, não dava conta de cuidar de uma criança e de uma casa.

Naquele momento, meio que em um impulso, entrei na casa dela e só conseguia organizar toda a bagunça. Afinal, eu tinha uma dívida com a minha heroína. Ela já fez tanto por mim sem nem saber da minha existência! Em momentos de medo, me escorava na força e determinação da grandiosa Mulher Maravilha. Mas, dessa vez, eu sentia que era ela quem precisava de mim.

Após umas duas horas de faxina, embalada pelos gritos de “Calypso” da minha querida Joelma, consegui terminar a limpeza da casa e fazer aquela doce criança faminta dormir. E, se me permitem a ousadia, posso dizer que também fiz minha agora grande amiga amazona dormir também. Saí de lá com a sensação de dever cumprido.



Chegando em casa, abri a porta e um cheirinho de café fresco exalava. Com uma voz doce, tão bela – só não tão bela quanto o ser que a entoava – minha mãe me perguntou:

“Filha, vamos tomar café da tarde?”

E ali, ouvindo aquela indagação, rapidamente cheguei à conclusão de que durante estes meus vinte e três anos sempre tive ao meu lado uma mulher maravilha que, mesmo com três crianças, marido, casa, cachorro, trabalho e por aí vai, sempre deu conta de tudo com maestria. Nada sai do ritmo com a dona Eli, a verdadeira mulher maravilha.

# RAINBOW TRETA DE IRMÃOS

César de Oliveira

Em casa com meus amigos e minha irmã com as amigas chatas dela, eu já previa que ia sair briga. Fui até a cozinha e minha irmã me olhou estranho. Nesse momento, me senti no papel de Bandit, pronto para defender, e ela como a Ash, louca para atacar sem motivo algum, de repente. O cenário mudou, virei um desenho com uma MP7 na mão, escolhi o local de respawn, já me ajeitando para ela vir atacar junto com seu time, vulgo, suas amigas. Ela estava nervosa sem motivo algum, eu só tinha ido pegar refrigerante para mim e para meus amigos, três, dois, um! A partida começa, elas começaram a vir com toda a sua força para cima de mim e da minha equipe, eu, muito calmo, me sentindo em um tipo de valsa, um The Weeknd em “Earned it”, como se, junto com meus amigos, tivesse ensaiado o mês inteiro para aquele combate épico, e ela veio com toda agressividade de XXXTENTATION.

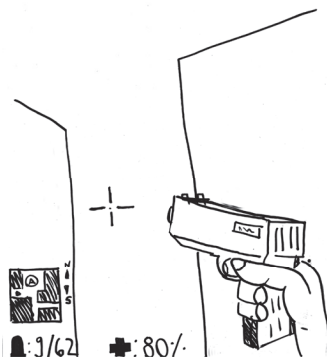
Todos a postos, primeira parte. Já comecei colocando reforços na parede, ela me dronando à procura do meu time com o objetivo de estragar meu dia. Preparei aquele pixel, bem posicionado, claro, já sou bem treinado contra esse tipo de coisa. E, inclusive, é ranked, temos que jogar sério, depois o pai vai dar bronca.

Logo no pixel, cinco segundos de jogo, aquela amiga nova dela não arrumou nada, foi só HS, caiu que nem lixo. O resto do time da minha irmã já olhou meio assustado, 5 x4, ela tomou a frente e veio correndo, e meu time dentro do objetivo só esperando o ataque. Quando, de repente, KKBOOMM! Uma parede explodiu, as amigas dela começaram se espalhar no meio do objetivo,

aquela amiga que estava equipada de sledge e que conhece o território mais um pouco, atrapalhada, logo caiu na armadilha do meu amigo que estava equipado de frost, 5 x3, haha. Elas ficaram sem reação e se perguntaram se ia ser de lava-da assim. Ela se irritou e logo deu um HS através da parede no meu amigo de pulse, 4 x 3. Aquele meu amigo que estava de Caveira já conhecia bem o local e todas as táticas das amigas dela, pois eles eram da mesma sala no colégio. Deu a volta, abriu o alçapão do mapa e deu uma double kill! 4 x 1, a única que sobrava era a Ash, não sei como ela fez, mais foi incrível, ela viu o spot que meu amigo tinha feito e fez o mesmo, conseguiu eliminar dois dos meus jogadores com HS e mais um na faca.

Aquele era o momento decisivo, só o Bandit e a Ash no mapa, tiro vai e tiro vem, fui esperto, lembrei que um amigo estava de Valkire e neste mesmo momento olhei nas câmeras da casa. Vi Ash tentando rushar por cima da casa, o ruim é que eu não podia sair de dentro do mapa. Fiquei com medo, mas é oito ou oitenta, mato ou morro, e meu pai estava chegando. Rushei, dois segundos para ela descobrir minha localização, vi ela faltando um segundo, assim que virou, dei somente um tiro, que era o suficiente, pois ela já tinha sofrido dano. Acertei em cheio no seu abdômen, mas o tiro não eliminou, pegou de raspão nela, ela acertou dois em mim, dez por cento de vida e o desespero da campanha tocando. Por incrível que pareça, era meu pai, no mesmo momento que acabava o combate. Eu virei, me escondi e finalizei com um tiro na cabeça.

GAME OVER, CAÇULA WINSSSSSS.



# TUDO ACONTECEU NUM DOMINGO

Cleitson Michael

Tinha acordado, escovado meus dentes e disse à minha mãe:

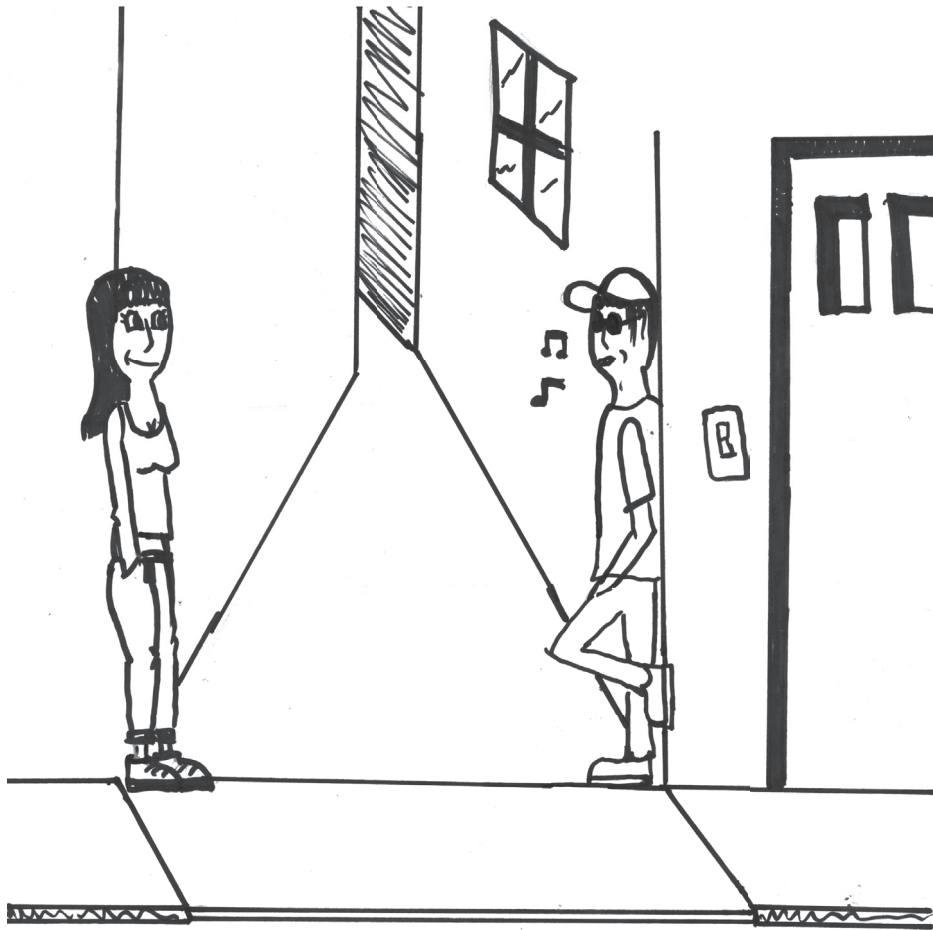
“Já estou indo!”

“Indo aonde, posso saber?”

Ela me respondeu com aquele tom de sátira, como se não soubesse aonde eu ia. Peguei meu saco de implicância e fui então para a casa de uma amiga da minha mãe, que até hoje sempre me ajuda com “os pulos de gato”.

Cheguei à casa dela: dois quartos, um banheiro para cada quarto, uma sala com aquela... como se diz mesmo? Televisão de plasma, né? Então, aquela televisão de plasma gigante na sala, uma cozinha maior que meu quarto e um salão sob todos aqueles cômodos – nem o Bolt aguentaria correr todo aquele espaço. Lá, encontrei diante dos meus olhos uma miragem que mesmo nos melhores sonhos nunca apareceria. É isso mesmo. O que faria um jovem como eu falar desta maneira de algo? Voltando para aquele exato momento, nem pensava que conheceria uma pessoa que mudaria meus dias. Já sabemos de quem estamos falando, né... A dita cuja, aquela, cujo o número do metal circular no dedo anular direito é dezesseis.

Mal sabia eu que com meu saco de implicância iria conquistar aquela menina. E que em um corredor estreito onde cabiam apenas dois corações batendo na mesma intensidade ao mesmo tempo, à minha frente então, numa frase virginal ela assumiu! Assumiu que sentia algo por aquela pessoa que carregava aquele saco de implicância.



# DESESPERO DE INFÂNCIA

Jorge da Silva

Eu me lembro de quando era chamado de “Jorginho” por todo tipo de pessoa. Nesse passado nem tão distante, voltava da aula e a molecada estava toda brincando de bolinha de gude, empinando pipa, jogando bola. Me dava aquela vontade! De ficar lá correndo, brincando e dando risada. Mas... Meus pais trabalhavam e, para poder perder a tampa do dedão ou ralar todo o joelho, eu deveria primeiro esquentar a comida dos meus queridos e irritantes irmãos. Essa era a parte fácil, mas, pensando em uma criança com a tentação de correr para rua para poder brincar, era o fim do mundo. Após o almoço dos “senhoritos”, eu tinha a missão de levá-los para a escola. Meu irmão era tranquilo, era descer a rua dos bares, passar pela avenida do vendedor de DVDs e descer a rua do posto. Já para levar a minha irmã, eu precisava, além de fazer o caminho do meu irmão, de subir até as nuvens: ohhh subida que não acabava, mas eu tinha que fazer, pois o objetivo era chegar ao paraíso e brincar até a correia do chinelo quebrar. Me lembro desses dias em detalhes.

Como também me lembro de um outro dia, diferente, em que levei meus irmãos e voltei a toda velocidade para casa. Já estava subindo os vinte e seis degraus para chegar ao paraíso, quando me lembro da louça, descí novamente e lavi tudo, limpei o escorredor e comecei a secar uma coisa de cada vez, até que me aborreci, pois havia chegado a vez dos talheres, a coisa mais chata de secar. Mas eu precisava fazer. Terminei de secar, sai pelo portão, vi um ser humano bebendo água e me lembrei de que tinha que encher as garrafas de água. Novamente voltei a toda velocidade, tropicando em tudo que havia no

caminho e enchi as garrafas. Fui correndo pelo corredor de casa, mais velho que eu, e olhei pela janela do quarto: as três camas bagunçadas e a cama fora de lugar, dobrei os cobertores, arrumei os edredons, coloquei meu colchão no lugar e comecei a subir as escadas em direção ao paraíso. Ao chegar lá, não havia mais ninguém, só um silêncio atormentador. E, ao olhar a esquina, subia ela, a toda poderosa, a chefia, a dona da \*\*\*\*\* toda, ela, a campeã em arrumar a casa, aquela, que tinha mandado eu tirar a carne do congelador.



# PRO DIA NASCER FELIZ

Daniella Passos

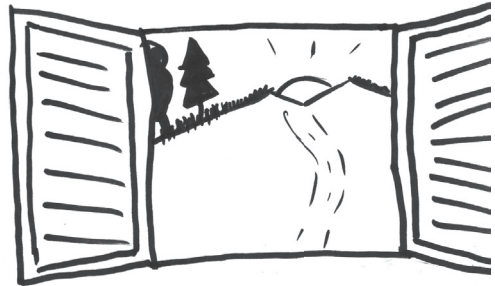
Um simples café da manhã, quando desfrutado com quem amamos, torna-se um banquete. Assim são alguns finais de semana na minha casa, nem sempre é possível nos juntarmos para um café, já que todos têm seus afazeres, mas me lembro da última vez perfeitamente.

Todos os dias, minha mãe acorda mais cedo, prepara o café, mesmo sabendo que alguns não irão degustar, mas nesse dia todos conseguimos. Ao acordarmos, já estava tudo à nossa espera, aliás que cheiro bom. Nos sentamos à mesa e começamos a comer, durante esse tempo conversamos sobre nosso cotidiano, minha mãe contando sobre o dia-a-dia, meu pai falando sobre como o trabalho estava corrido e suas vitórias, minha irmã comentando o quanto o seu está deixando-a estressada, a outra falando sobre viagens e compras que gostaria de fazer junto a minha mãe. Falei sobre meus planos e vamos contando nossas impressões, agora que passamos uma temporada maior nessa cidade.

Após tanto papo, chegou a hora de cumprir nossos compromissos, foi cada um para o seu lado, mas com um sorriso no rosto de felicidade por aquele café da manhã mais que interessante.

Ao chegar em casa, depois de concluir tudo, comentei com a minha mãe sobre como momentos assim valem muito a pena, os minutos se multiplicam e somam em carinho, atenção e gentilezas só possíveis a corações que muito se estimam. Em um simples café da manhã colho afeto e energia boa para o resto do dia.





# EU TE PERDOO

Paola Alcobaças

Acordei hoje feliz, disposta a qualquer desafio. Não demorou muito, meu celular tocou: era minha prima querendo ir para a minha casa. “Tudo bem, chega aí, tô aqui no tédio. Vamos fazer alguma coisa”.

Ela chegou, se deitou na cama e disse que estava cansada. Respondi “dorme um pouco”. Em alguns minutos, após sair do quarto para limpar a casa enquanto ela dormia, fiquei pensando em fazer uma brincadeira com ela. Peguei dois ovos na geladeira, coloquei sobre as costas dela e esmaguei. Não passou um segundo e ela se levantou gritando, me chamando de louca, retardada e maluca. Quase morri de tanto dar risada. Ela ficou tão brava que pegou o bule, mas não tinha visto que estava aberto. Ao correr, derrubou café no sofá. Paramos por um minuto e não sabíamos o que fazer, pois o sofá era branco. Se minha mãe chegasse em casa e visse o sofá manchado, ai meu Deus! Era “tchau, celular” para mim. Fizemos de tudo, passamos produtos de limpeza, água etc... Saiu, ficou limpo outra vez, decidimos então parar, para não dar mais problemas. Mas ela ainda estava brava e queria se vingar. Encheu um balde de água gelada e derrubou sobre mim enquanto eu tomava banho! Tentei sair, mas acabei escorregando no piso. Passamos o dia uma trolando a outra.

Esse é um retrato de como era nossa antiga amizade. Nunca brigávamos ou nos estranhávamos, sabíamos levar na brincadeira. Tínhamos um laço tão forte, nem sei explicar, um carinho, um amor que não tinha nada igual. Nunca nada ia entrar no meio, éramos indestrutíveis juntas.

Até que um dia isso acabou. Não vou entrar em detalhes, mas ela me magoou muito. Só de lembrar, me vem aquela vontade de chorar. Sinto falta dela, mas sei que, neste momento, a distancia é o melhor. Hoje penso que não dá para botar a mão no fogo por ninguém.

Estou tentando deixar nossas diferenças de lado, relevar todos os mal entendidos e seguir em frente, tentando encarar os erros como parte do processo de crescimento. Confesso que foi inesperado, me pegou de surpresa e, para você compreender a magnitude da minha decepção, esperava algo ruim de qualquer pessoa, menos de você.

Mas, como disse, infelizmente essas coisas acontecem para nos ensinar. Querendo ou não, temos uma história, um caminho, sei que nem sempre o dia estará claro e bonito como preferimos, mas, às vezes, um banho de chuva pode garantir a leveza que precisamos para continuar caminhando.

Agora me pergunto: poderei perdoar suas atitudes? Sei que exagero, mas o que eu poderia fazer? Fiquei cega pela decepção e a única coisa que consegui computar foi minha frustração. Faz parte, tudo é para um bem maior que só conseguiremos compreender quando chegar o momento certo. Sei que demorei um pouco para compreender, mas nunca é tarde quando assumimos nossos erros e a necessidade de crescimento.

Por isso, eu te perdoo.

Vamos simplesmente aprender com nossos erros e seguir em frente, compreendendo que algumas coisas ruins acontecem, para nos ensinar a valorizar as boas.



# FRUSTRAÇÃO

Thalita Siqueira

Sempre acordo com fome. Todo dia de manhã, me levanto, tomo meu café sempre com iogurte de morango, um pão de forma, três bolachas de chocolate e um pedaço de bolo. Me arrumo, escovo os dentes e vou trabalhar. Como não almoço na rua, chego em casa com muita fome.

Só que, certa vez, voltando do serviço, num dia muito caloroso, cheguei em casa faminta. Então, almocei e logo em seguida abri a geladeira pensando que tinha sorvete, mas não, era feijão! Fiquei brava, briguei com meu irmão: ele tinha dito que era sorvete, mas fui enganada. Ainda nervosa, fui procurar meu iogurte de morango e cadê? Só achei água dentro da garrafa.

Depois de muita raiva fomos para a casa da minha avó para fazer uma visita. Chegando lá, tinha musse de limão, que ela tinha feito especialmente para mim. Só que, ao experimentar, estava muito azedo. Para não comentar algo que podia magoa-la, eu ri para o meu marido e meu irmão, que também estavam com uma cara horrível. Cochichei falando que estava muito ruim e eles riram ainda mais, mas não falamos para ela.

Como é ruim chegar em cansada com muita fome, ansiosa para comer e acabar se decepcionando por não estar ali algo que você desejava, mas era de se esperar: tudo que é bom dura pouco.





A CAMINHO

# ANTI-ROTINA

Andressa Pereira

Andamos tão ocupados que só pensamos em chegar logo em nossos destinos. Minha rotina é tão estressante que só sei criticar o que nada sei. Ontem, saí de casa mais cedo e acabei esquecendo o meu fone de ouvido, que costumo usar todos os dias para ouvir músicas.

Quando cheguei à estação, tinha acabado de passar um trem, para minha tristeza. Sabia que o próximo ia demorar, então fiquei observando a paisagem, enquanto o vento e a neblina gelada da manhã batiam em meu rosto. Foi então que reparei em uma árvore linda, cheia de flores: ela parecia velha, tinha um tronco grande e bem antigo. Deve ter ouvido muitas histórias. Ah, se aquela árvore tivesse boca, o que ela não contaria! Mas tudo que ela viu ou ouviu infelizmente vai envelhecer com ela.

O trem chegou, entrei e, como sempre, fiquei na porta, amassada de tanta gente. Estava cansada, era muito cedo, e por acaso me lembrei de quando morava em Pernambuco, na fazenda do meu avô. De manhãzinha, o pessoal lá em casa acordava bem cedo e, com uma disposição que fazia parecer que já era meio-dia, eu e meus irmãos íamos com meu pai tirar leite das vacas. Depois, voltávamos para casa com o leite e meu pai ia levar as vacas para alimentar seus bezerros.

Enquanto fazia o meu trajeto para o trabalho, comecei a prestar atenção nas outras árvores. Todas tinham sua própria história para me contar, e eu me senti disposta a ouvi-las. A partir daí, se tornou um hábito prestar atenção no que está à minha volta e no que aquilo pode me dizer.





# PRÓXIMA ESTAÇÃO

Geovana Emilaine

Quem usa o transporte público diariamente nunca sabe o que pode acontecer ao passar pelas portas do ônibus, trem ou metrô.

Em plena sexta-feira, lá estava eu, em uma manhã fria e chuvosa, esperando o trem. A estação estava lotada, sabia que não iria conseguir um lugar para sentar. Vi o trem se aproximando e, para minha infelicidade, era do modelo antigo, um daqueles dinossauros que já deveriam ter sido substituídos há muito tempo. As pessoas logo começaram a se empurrar, foi só o trem parar e abrir as portas que puf, mal percebi e já estava lá dentro.

Fiquei em pé de frente para duas meninas que estavam sentadas (elas foram mais rápidas do que eu e conseguiram o meu lugar). Minha rota de escape de todo aquele aperto foi a conversa que elas estavam tendo.

Parece que uma delas tinha ido tomar cerveja com alguns amigos em um barzinho, um desses amigos era comprometido e teria ido ao bar sem avisar para a namorada. A noite estava indo bem, eles estavam se divertindo e aproveitando aquele momento entre amigos, então, de repente, chegou um convidado de última hora. Adivinhe quem era? Se o seu palpite foi a namorada do rapaz, parabéns! Você acertou! A menina chegou furiosa ao ver que o namorado tinha mentido para ela... Foi nesse instante que eu ouvi o maquinista falar ESTAÇÃO PIRITUBA, DESEMBARQUE PELO LADO ESQUERDO DO TREM. E então as meninas pararam de conversar, se levantaram e foram em direção à porta.

Desceram do trem sem se importar com a minha curiosidade em saber o final da história.

O que eu iria fazer com todas aquelas dúvidas? O que será que a garota disse para o menino ou o que será que aconteceu no final daquela noite? Sim, eu estava prestando atenção na conversa alheia. Sei que é um mau hábito, mas certas conversas prendem a nossa atenção. Na verdade, já me peguei bisbilhotando a conversa de estranhos algumas vezes. Alguns dias atrás, no trem, encontrei um casal que estava discutindo a relação (tendo aquela famosa “DR”) e, como qualquer ser humano que ama ver um barraco, fiquei observando a briga pra ver no que iria dar.

A mulher estava muito alterada, falava ao namorado/marido que estava insatisfeita com relacionamento, dizia: “Nós já tentamos mais de uma vez, isso não vai dar certo!” Em outro momento falou: “Chegou a hora de cada um ir para seu lado, seguir o seu caminho.” Ao contrário dela, ele parecia bem calmo, apenas concordava com a cabeça, sem sequer olhar nos olhos dela. Até que depois de um longo período de silêncio, o garoto finalmente falou...

ESTAÇÃO LAPA, DESEMBARQUE PELO LADO ESQUERDO DO TREM.

Me desculpe, minha estação chegou, tenho que descer, depois continuamos essa história.



# CALOROSO E BONDOSO... OU NÃO

Maikon Santos

Quando vai chegando o fim do ano, vem com ele o verão, e parece que as portas do inferno se abrem porque ô, calor infernal! Que época chata para ser “peão”, ter que sair no sol, derretendo igual manteiga, pegar metrô lotado com gente suada e mal-educada roçando em você toda hora. Meu Deus, ninguém merece, né?

Sinceramente, quando meu dia começa desse jeito já fico irritado, como na vez em que cheguei ao trabalho com uma “pizza” enorme debaixo dos braços. Até os modos perdi, não dei bom dia para ninguém. Ou, então, quando quase me exaltei com um colega do meu setor que era muito friorento e, para minha infelicidade, tomava conta do ar condicionado. Ainda bem que consegui me controlar, senão acho que teria voltado direto para casa para preparar currículos.

Para você ver que não estou mentindo, esses dias, logo de manhã cedo, já me estressaram no caminho para o serviço. Estava eu em pé na lotação, ouvindo minha música no fone tranquilamente, olhando a paisagem pela janela, quando senti algo molhado se apoiando em minhas costas e um som de roncões ao fundo. Olhei para trás para conferir o que era e vi um cara todo suado, dormindo nas minhas costas. Pensei comigo enquanto olhava para cara de batata do indivíduo: “Que desaforo! Já que você quer dormir, então perai que vai dormir mesmo!” Juntei forças e empurrei o homem. Logo em seguida, dei um passo para o lado e apenas observei as leis da física sendo aplicadas. O cara começou a cair e, como havia pessoas sentadas no banco à minha frente, caiu deitado no colo

delas. Quando acordou e viu toda a situação, ficou vermelho igual tomate. Bem, eu poderia ter sido menos vingativo? Poderia, mas o calor não me deixa muito na paz. Talvez eu compense com muitas boas ações quando o inverno chegar.



# COMÉDIA NO METRÔ

Douglas Henrique

Estava voltando do trabalho às seis da noite, na estação de metro, quando me deparei com o Thiago Ventura, um comediante. Eu olhava para ele, ele olhava para mim... Mas não tive coragem de me aproximar e falar que gostava do trabalho dele ou pedir uma foto.

Estações se passaram e nada. Foi então que, com toda coragem do mundo, corri em direção a ele e disse:

“Aí, curto seu trampo pra caramba!”

E fui embora.

Depois de duas semanas, fiquei sabendo: ele fez um show e contou o ocorrido como uma piada.







DO MUNDO

# RITMO

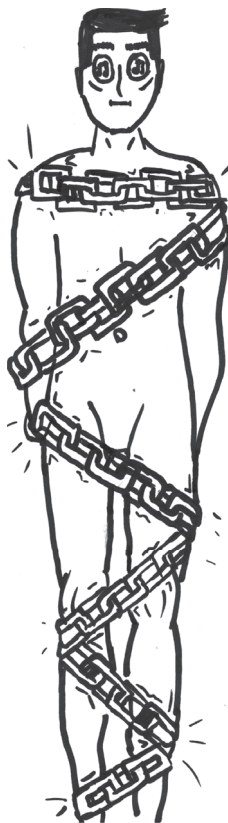
Rafael Ponciano da Silva

Que mundo esse, uma loucura total. Será possível que ninguém perceba que somos vítimas porque estamos todos acorrentados ao ritmo que nos leva à desumanização, e o sonho de ser feliz está longe desse lugar? O que é isso? Bombas caem como chuva do céu e todos ainda seguem esse vicioso ritmo do-entio ao qual fomos acorrentados por séculos.

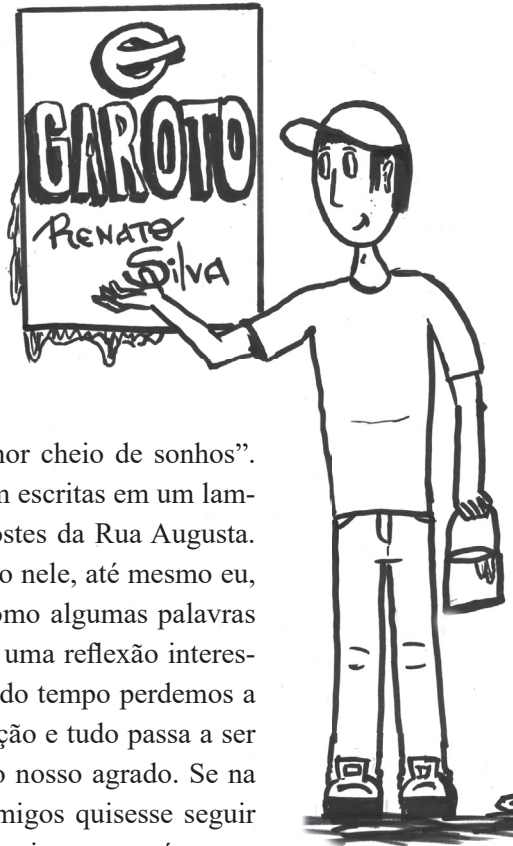
A raça humana pode não ter salvação, existem homens que tentam calar vozes que nunca conseguem se expressar, e ainda assim ninguém percebe como esse ritmo nos mata. Como conseguimos viver nesse lugar e querer sonhar se estamos alienados? Estamos presos nessa discoteca de escravidão e desprezo, onde o homem domina tudo e a mulher cumpre ordens, esse é o sonho tradicional que todos querem realizar, que maluco. Os homens de terno vivem secos atrás de petróleo e fazem de tudo para que seus fins justifiquem seus meios, matam uns aos outros para viver nesse ritmo masoquista.

Seja contrário a esse ritmo e não terá vez aqui, irão te lançar para fora deste mundo, como uma bola de basquete. Chegou a hora da música acabar e irmos para casa. Mas antes, eles ditam as regras para viver. O que quero? Só mais um like na foto? Não, quero que todos acordem e me ouçam, isso não é um mundo, estamos sendo manipulados por um ciclo vicioso sem fim, não dance, me escute, acorde, vamos fugir e parar de correr como cavalos vendidos em uma pista de jockey. Ninguém percebe que estamos loucos por esse ritmo. Ou talvez eu é que esteja? Porque só eu estou percebendo isso, sendo

que todos estamos sendo afetados pelo mesmo emissor de massa. A bondade vem acabando nesse país, temos um alto índice de intolerância. Como vivemos aceitando isso? Vejo nossa natureza em extinção e ninguém se importa. Não abrem os olhos para ver que vivemos onde tudo que os homens de terno conseguem fazer é me sugar, acabar com nosso sangue humano, dizem fazer justiça mas eles são a justiça.



Nesse mundo, luto por um amor, por justiça e humanidade. Mas tudo está perdido porque nem todos somos humanos agora, não nos vejo como humanos, nos vejo como simples animais que se devoram em uma cadeia alimentar do reino animal. Sinto um vazio e parece que sou o único a sentir essa fraqueza que me desmonta sem parar, me sinto acorrentado, talvez não estejamos todos ficando loucos, talvez seja só eu, tentando enfrentar esse ritmo.



“Nunca desmereça um menor cheio de sonhos”. Essas eram as palavras que estavam escritas em um lambe-lambe em um dos primeiros postes da Rua Augusta. Incrível como nunca havia reparado nele, até mesmo eu, um amante das artes urbanas, e como algumas palavras bem colocadas podem te provocar uma reflexão interessante, por exemplo, que ao passar do tempo perdemos a vontade de escutar a próxima geração e tudo passa a ser estressante e cansativo se não é do nosso agrado. Se na nossa infância algum de nossos amigos quisesse seguir uma profissão “estranha” e contasse isso para nós, concordaríamos e incentivaríamos esse amigo a seguir seu sonho. Mas, com o tempo, tomamos consciência de que a vida de adulto não é o mar de rosas que projetamos na infância. Sendo assim, deixamos de fazer coisas simples e importantes, como escutar os mais novos...

Mais à frente encontrei o rapaz magrinho e aparentemente menor de idade que espalhava esses lambe-lambe pela cidade. Era por volta das cinco da tarde. Começamos a conversar, porém, nunca fui muito bom em falar e, sim, em escutar. Em algum momento, falei que tinha algumas latas comigo e que também propagava a arte urbana.

Com isso, começamos a fazer um rolê juntos, ele colando os lambe-lambes e eu bombando com as latas. Me lembro de muitas coisas que ele disse. Com certeza, idade não significa nada.... Aquele garoto tinha uma bagagem impressionante, dava para ver que tudo que ele aprendeu, não em uma escola qualquer, mas na escola da vida, aquela que ensina as pessoas da forma mais fria e dura que podemos imaginar.

Logo em seguida, ele me confirmou que realmente nunca nem sequer tinha pisado em uma escola! Comovido, mas também surpreendido com a história do garoto que escutei a madrugada inteira entre as ruas e avenidas do Centro, resolvi parar para comer. Eu e o garoto do lambe-lambe: nunca vi uma pessoa ficar tão feliz com algumas coxinhas e um copo de suco. Ele estava com tanta fome que aquele foi o único momento em toda a madrugada em que não falou um A. No final da refeição, com os olhos cheios de lágrimas, ele veio em minha direção, disse “muito obrigado” e completou dizendo que nunca ninguém tinha escutado e conversado ele daquela forma... Com uma grande felicidade no peito, resolvemos ir embora.

Nossa curta história acabou perto de amanhecer. Voltávamos para a estação Consolação do metrô, logo depois de comer, quando avistamos uma revista geral da polícia. Entramos em pânico, não devíamos nada à polícia, no entanto, temos estilos que carregam um estereótipo: eu com roupa grande, aparentemente um skatista, ele menor de idade da pele negra, roupa suja, aparentemente vai assaltar alguém. Entramos em pânico, sabíamos que as coisas que carregávamos não eram boas. Ele com cola na mochila, provavelmente daria um b.ozinho. Eu, aparentemente acompanhando ele e com algumas coisinhas na mochila que não aliviaríamos a minha barra... Formamos a fila indiana que ordenaram.

Mas mais uma vez o menor do lambe-lambe me impressionou: causou um reboliço no meio das pessoas que não entendi. E a última frase que ele me disse até hoje me faz refletir: “De porrada eles te entopem, então corre que lá vem o robocop”. Essas palavras me deram outra visão sobre a polícia, uma visão que de tempos em tempos evolui de acordo com experiências próprias e coisas que vejo por aí...

# PRIMORDIAL

Daniella Passos

Alguns dias atrás, fui viajar a passeio para a praia para passar o fim de semana. No caminho, estava tudo bem, mas ao chegar lá comecei a me estressar com tudo, qualquer coisa era motivo de raiva e desânimo.

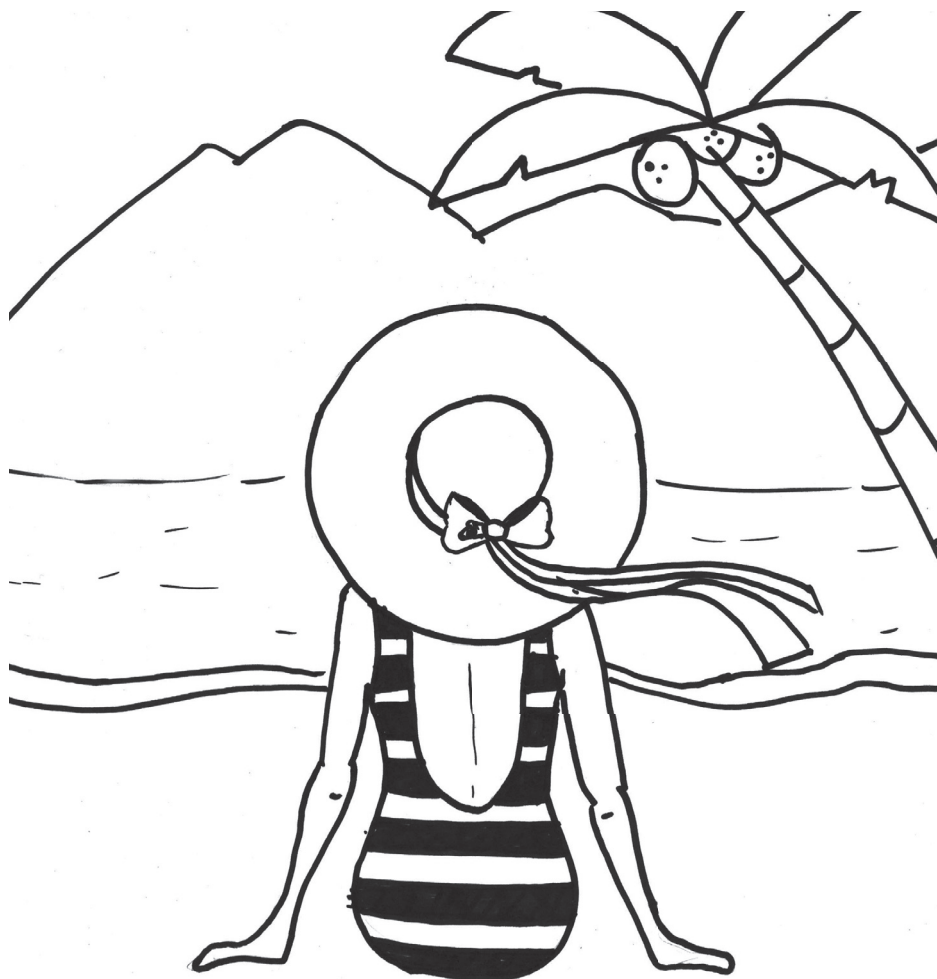
Não fazia ideia do que estava acontecendo comigo, já que estava com a família do meu namorado, que eu tanto amo, e no meu lugar favorito. O que poderia estar errado? Com esse pensamento, fui tomar um banho e me deitei, imaginando que conseguiria relaxar um pouco. Mas logo percebi que estava faltando algo e a causa de tudo isso poderia ser a distância que estava dos meus pais.

Não é sempre que me sinto assim, só que naquele fim de semana o sentimento tomou conta de mim. As pessoas ao meu redor não eram culpadas. Depois de algum tempo, resolvi conversar com meu namorado sobre o que estava acontecendo, pois ele já havia percebido o meu humor. Ele me disse que às vezes a saudade faz bem porque o reencontro será mais caloroso. Também disse que eles estão ali, são a minha segunda família e estarão ao meu lado para o que eu precisar. Após a conversa, fiquei melhor e me soltei mais.

Finalmente, ao chegar em casa, minha mãe tinha feito meu bolo de chocolate favorito, aguardando a minha chegada. Fiquei feliz pelo bolo, mas, principalmente, pelo gesto dela. Quando meu pai chegou, me sentei com eles para conversar sobre o que havia acontecido e percebi a tranquilidade que me passaram. Eles me acolhem a qualquer momento, mesmo estressada. Não brigam

comigo, estão lá para me ouvir e consolar, e a mesma coisa acontece com a família do meu namorado. No fim do dia, fui me deitar e percebi o quanto estava realizada, era aquilo que me faltava. Eu precisava entender que tenho as duas famílias e elas me fazem o mesmo bem.

Não há limite no céu que eu não ultrapassaria por eles, não há quantidade de lágrimas que eu não choraria por eles, não há limitações no meu amor por eles. Quando o assunto é família, não há palavras que expressam o tamanho do sentimento que nos conduz.



# A VOZ DA GIOVANA NÃO É IRRITANTE

Anna Silva

A voz da Giovana não é irritante. A voz consiste no som produzido pelas cordas vocais para falar, gargalhar, chorar, gritar... A voz da Giovana não é irritante. Ela só fala mais que a boca, todas as aulas aquela voz maravilhosa, uma voz fina que ao mesmo tempo é alta, que chega a dar até agonia, que parece o barulho de um cachorro de pelúcia quando a gente aperta. Conversa vai, conversa vem. A voz da Giovana não é irritante, a voz dela é só um ruído no ouvido. A voz da Giovana não é irritante, não é? Dizem que quanto mais irritante a voz da pessoa mais ela quer falar. Todas as aulas têm mais de oito perguntas dela. A voz da Giovana não é irritante.

Depois de ter suportado um ano na escola, no último dia de aula, o dia mais esperado do ano, eu com aquela ótima ressaca da noite passada, depois de ter sido convencida a ir para um barzinho com algumas amigas.

Quando cheguei ao barzinho, me deparei com um menino por quem era apaixonada, meu eterno crush e, como de costume, ele tinha muitas meninas ao seu redor. Também, era de se esperar, um moreno dos olhos claros, do sorriso Colgate, não tem como não se interessar. Fiquei a noite toda tentando falar com ele, e nada de ele me notar. Como estava brava, comecei a beber tudo o que minhas amigas me ofereciam.

Na manhã seguinte, veio aquela dor de cabeça. E, quando chego na sala de aula, recebo a notícia de que iria fazer dupla com a Giovana para a atividade



de nota, justo com a bendita Giovana. Ela só gosta de ser muito curiosa, quer todas as informações possíveis. Querer isso não é errado? Mas fazer uma pergunta a cada cinco minutos? Que horas são? A gente já vai embora? É aula de quem? Quantos minutos faltam para acabar a aula? A voz da Giovana não é irritante, todos nós gostamos de conversar e, às vezes, de fazer alguma fofoca. Mas durante a redação, quando deveria fazer silêncio, ela fala parecendo um papagaio. A voz da Giovana não é irritante.

Minha cabeça explodindo, faltando cinco minutos para ir embora, ela só precisava colocar o nome na folha de papel. Mas dá um grito, PROFESSORA É PARA ENTREGAR? Bem no meu ouvido. Agradei que nesse dia o sinal bateu rápido e fui a primeira a sair da sala. Pelo menos, ela tira as dúvidas dela. E eu? Tiro a minha dúvida se ela é chata? A voz da Giovana não é irritante.



# SORRIR

Gabriel Hashimoto

Toda segunda, indo em direção ao consultório, esta lembrança me vem à cabeça: o meu teste para o papel do faxineiro Ariscleitson, o mocinho da antiga novela das oito. E, no meio da confusão, surgiu o monumento do carisma, Jim Carrey. Mais que depressa fui pedir umas dicas para ele:

“Hey Jim! Help me a conseguir este papel!”

Ele me respondeu de longe, no meio da multidão de candidatos ralé que estavam no páreo comigo para o personagem:

“Seja igual a mim, faça-os sorrir...”

Engajado com essa idéia, fiz o teste com confiança. De cara, contei a piada do “Não, nem eu”. Claro que não consegui o papel, mas as palavras de Jim ficaram na minha cabeça. O sorriso de uma pessoa é o gesto mais puro, demonstra felicidade, alegria e até mesmo a raiva. Por isso, os sorrisos são importantes: mostram nossos sentimentos mais puros.

Depois disso, chutei para escanteio minha faculdade de Publicidade, entrei no ramo odontológico e faço as pessoas sorrirem. E sem cáries!



# AQUELA VIAGEM!

Izanara Sousa

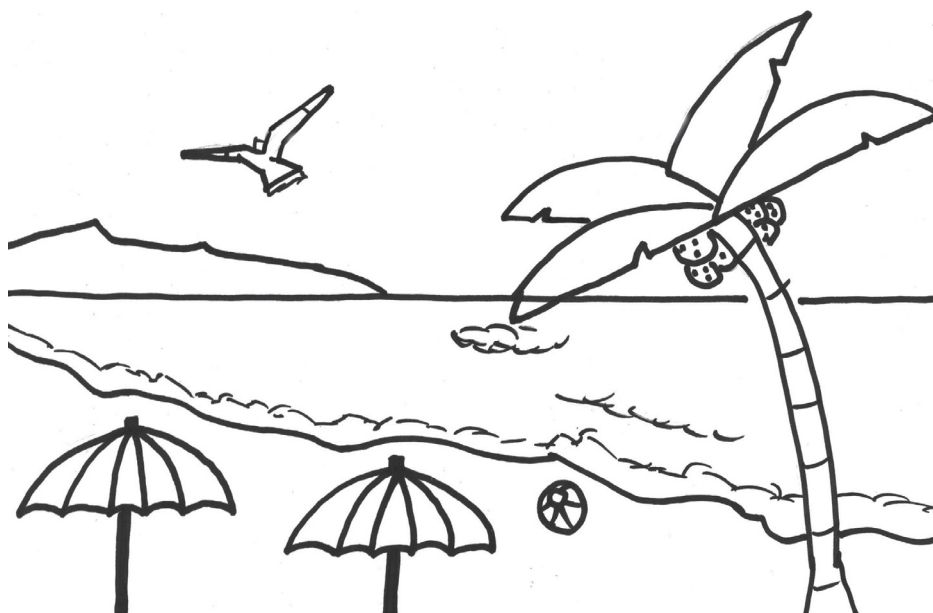
Hoje me bateu uma saudade daquela viagem que fiz no carnaval com meus amigos, quando saí dessa correria de São Paulo para conhecer um lugar diferente e ter novas experiências, ver um pouco da natureza de que a cidade grande me priva.

Desde que saímos de casa, foi só aventura. Nunca tinha andado tanto na minha vida e achei que nunca iria chegar na praia. Era uma trilha longa, o caminho todo cheio de pedras, árvores, insetos etc. Achei que não tinha mais fim, até que me deparei com uma paisagem incrível, um paraíso em meio a montanhas.

Fiquei completamente apaixonada por aquele lugar, valeu a pena vencer todos os obstáculos para chegar até lá. Eu e meus amigos nunca aproveitamos tanto um final de semana, fizemos coisas simples que não costumamos fazer na cidade grande, coisas divertidas.

Mas a diversão acabou saindo um pouco dos limites quando um dos meus amigos começou a passar mal, ele tinha bebido muita cerveja e comido mortadela com limão, algo que não tinha costume de comer e acabou fazendo muito mal para ele. Ficamos assustados e aquele momento maravilhoso acabou perdendo o encantamento em questão de minutos. Nunca tínhamos visto nosso amigo daquela forma. Não sei muito bem, estava apavorada, mas lembro que o hospital era muito longe e tivemos que procurar ajuda ali mesmo. Tinha algum jovem próximo que ajudou a socorrer nosso amigo.

Depois de algumas horas, ele já estava melhor para voltar e fazer a trilha cheia de obstáculos novamente. Voltamos para casa cansados e tristes. O passeio tinha sido maravilhoso mesmo com o ocorrido com nosso amigo, mas tinha durado muito pouco. Porém, estávamos também felizes por termos passado por uma experiência nova, mesmo com as dificuldades. Sempre que lembramos daquele dia é difícil segurar a risada. Quem não adora tirar sarro de um amigo, hein?



# VISITANDO VIDAS

Beatriz Fernandez

Devo admitir que nunca fui muito adepta da leitura. Na verdade, faço parte daqueles que preferem assistir a um filme a ficar horas devorando um bom livro, talvez porque seja muito imediatista e não tenha a paciência como uma de minhas virtudes.

Mas, quando tinha meus bons e velhos quinze anos, algo muito estranho me aconteceu. Um livro despencou sobre minha vida. O reboliço em questão intitulava-se Dom Casmurro. Por vezes, me sentia o próprio Sherlock Holmes, tentando responder a estranha indagação que me perseguia naquele momento: afinal, Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Naquele momento, meu veredicto só dizia: sim, sim, ela traiu.

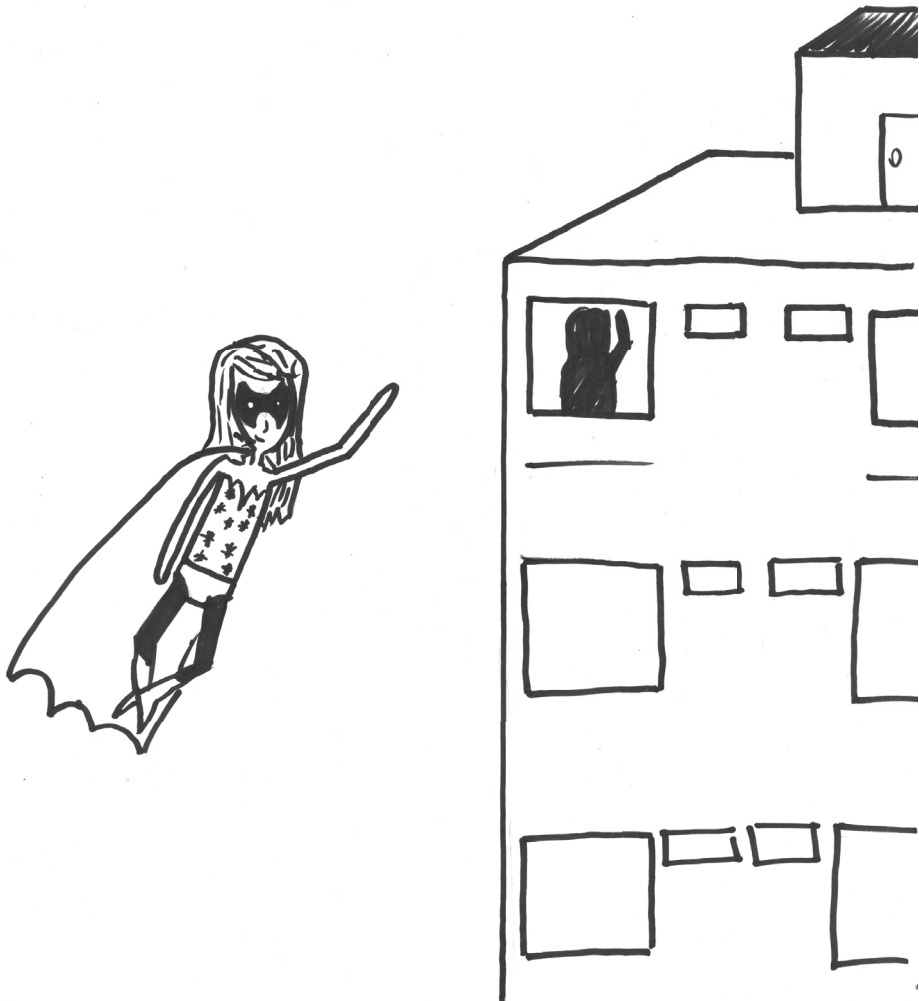
Não podia viver com essa dúvida. Por isso, decidi visitar a dona dos olhos de Machado de Assis. Era uma tarde de sábado, o céu estava límpido, o sol ainda brilhava e emanava um calor aconchegante, daqueles que nos revigoram. Foi quando ela apareceu. Capitu, a bela Capitu, tão simpática, me convidou para entrar. E, enquanto tomávamos uma limonada, me contava da falta que lhe fazia Bentinho, confessava não compreender tamanho desprezo por parte de seu amado. Meio que sem pensar, em um lapso, perguntei à minha nova amiga sobre sua fidelidade. Baixando a cabeça com lágrimas nos olhos, ela murmurou:

“Até tu?”

Naquele momento, me odiei, estava fazendo o que sempre detestei. Jul-

gava a moça dos olhos de ressaca por algo que claramente não havia cometido. Tinha dado o veredito sem nem ouvir a acusada, que não tinha nem uma culpa a não ser amar um homem ciumento, possessivo e altamente paranóico.

E lá vou eu novamente julgando. Machado, me passa o contatinho do Bentinho, vai?



# RICO, PORÉM POBRE

Cleitson Michael

Vi hoje tantas pessoas com hipermetropia nos terminais pelos quais passei... Afinal, esse é o cotidiano de milhares de trabalhadores. Até me espantei. Como conseguem ver tantas coisas ao mesmo tempo embaixo do seu nariz e ainda acordar prontamente para o dia do qual já se sabe o final? Já passou pela sua cabeça que talvez não só saibamos o final do nosso dia, mas também o final de muitas outras coisas? Talvez seja isso que nos dê a vivacidade que precisamos para mostrarmos a nós mesmos a garra que temos muitas vezes oculta, intrínseca a nós mesmos.

Os mesmos que acham que podem coordenar indiretamente o cotidiano de muitos outros têm uma das maiores pobreza, que é se considerar superior. Falo em nome de muitos que pouco são notados, mas são de extrema importância.

Como essas pessoas olham e definem o que hoje são chamadas de pessoas pobres, se elas mesmas falam como tal? E o que seria pobre então? Pobre seria apenas aquela pessoa prosaica e sem dinheiro, ou alguém que não seja produtivo, como sugere nosso próprio dicionário?

Pobreza então não significa incapacidade como muitos dessa sociedade acreditam que é, não é mesmo? De que adianta trazer uma das maiores riquezas, o conhecimento, se essa arrogância os incapacita de entender o que é isso de fato?



Devemos então recriar a espécie humana usando armas escalares. Se não encontrarmos essas armas, que tal grampear as bocas dessas pessoas loucas? Afinal, encontramos grampos em qualquer lugar e não chegam nem a ser uma arma branca.



# SORRISOS DIZEM MUITO

Gabriel Hashimoto

Na última quarta-feira foi revelada uma gravação comprometendo nosso magistral presidente da república, o senhor Michel Temer.

A foto que a Folha de S.Paulo escolheu para ilustrar a matéria mostra o sorriso de Temer, feliz e contente, pensando que jamais será preso (como DiCaprio no filme “Prenda-me se for capaz”).

Contudo, o que mais chamou a atenção foi o sorriso sem sorrir da garota Cidão, localizada no canto inferior esquerdo da foto. Vale ressaltar que a guria estava de mau humor, pois, além de chegar atrasada, não conseguiu limpar o nariz para a foto.

Cidão é uma garota diferente, fã incondicional de Harry Potter, praticante da arte das trevas e jovem aprendiz da organização “Magias”, a mesma que fez nosso bigodudo presidente Jânio Quadros renunciar em 1961.

Sua missão para ser efetivada era jogar um feitiço para que o sorriso de Temer não mostrasse tanto o botox. Mas, com raiva do nosso DiCaprio, que foi causador de ela não ter conseguido limpar seu nariz, Cidão jogou um feitiço. Assim, surgiu como mágica aquela gravação, trazendo justiça ao Brasil.

E fica a dica: sorriso dizem muitas, mas muitas, muitas coisas mesmo.



# EXIJO MEU SALÁRIO COMO ROBÔ

Jorge da Silva

Nos Estados Unidos, por década, um robô ganha a vaga de três pessoas nas áreas automotivas e de eletrônicos. Isso sem ao menos fazer entrevista. Um robô é apenas montado, testado e colocado na função, substituindo essas três pessoas, enquanto a gente é entrevistado por todos os gerentes, faz exames e ainda tem que aguardar para receber o resultado.

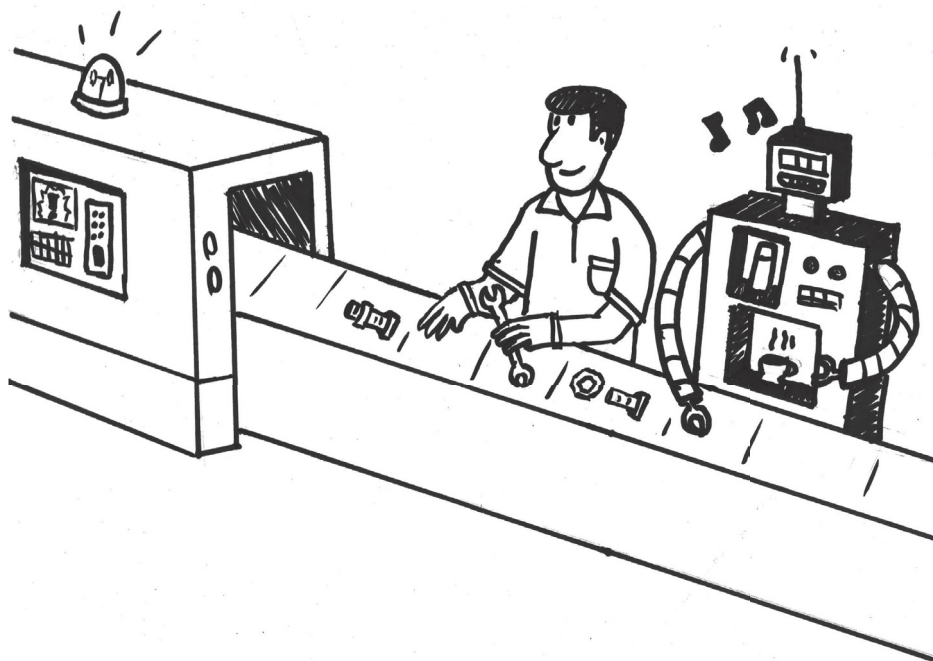
Continuando assim, daqui a sete décadas esses robôs vão tomar vinte e uma vagas. Mas, na notícia que li, um grupo chamado Boston Consulting Group estima que os robôs workadores vão quadruplicar, dando um total de oitenta e quatro desempregados.

Será ótimo para as empresas que, afinal, vão reduzir a mão de obra e os salários. Mas, pensando na gente, estão nos removendo dos nossos trabalhos e a pergunta que eu, você e sua família devemos fazer é: o que vamos ganhar em troca?

Eu não sei, melhor perguntar no posto Ipiranga, brincadeira, mas, até o momento, a gente ganhará o dinheiro da demissão, e podemos ir – ou correr – para o lado de aprender a controlar esses robôs. Mas qual é a garantia de que vamos conseguir essa nova vaga? Ah, eu também não sei tudo, né.

Se eu estivesse trabalhando com robôs ao meu lado, então que eles fizessem o café e o mantivessem aquecido, além de tocar uma música, caso não consigam me contar o que aconteceu com eles no dia anterior. Apesar de que

eles iriam sempre contar que tinham sido desligados para poder recarregar, mas tudo bem, eu aceitaria.



# NOITE 3 ESTRELAS

Maikon Santos

Sou um grande fã de filmes. Principalmente, daqueles com bastante ação, efeitos especiais, pancadarias e tal, em que tem sempre um personagem superlegal e destemido, muitas vezes interpretado por um ator que parece tão legal quanto. Mas, para falar a verdade, eles são ainda mais legais pessoalmente. Me lembro como se fosse ano passado quando conheci alguns deles no que considero o melhor jantar da minha vida.

Minha família e eu fomos a um restaurante aqui do bairro que costumamos frequentar todo sábado. Planejávamos pedir o de sempre, mas esse não foi o jantar em família de sempre, pois na mesa ao lado estavam nada mais, nada menos que John Travolta, George Clooney e Brad Pitt. Três dos meus ídolos do cinema que estavam de passagem pelo Brasil para as filmagens de um novo longa.

Quem imaginaria que eles decidiriam passar uma noite bem na minha cidade? Quando me deparei com a cena, não podia acreditar nos meus olhos. E nem meus próprios olhos acreditavam em si, já que eu não desviava o olhar dos três.

Queria muito ir falar com eles e já estava tomando coragem, mas o que aconteceu a seguir me espantou. Nos chamaram para sentar com eles! Cara, eu estava paralisado de emoção. Então, a noite mais louca da minha vida seguiu, com direito até a dancinha clássica do Travolta em “Embalos de sábado à noite”. Que ironia, não? Pena que o Brad Pitt teve que sair mais cedo para fazer uma

viagem para a África, aparentemente, tinha decidido adotar mais uma criança depois de reatar com a Angelina Jolie. Bem, o Georjinho, (é, agora somos amigos íntimos, posso chamá-lo assim, hehe) passou grande parte do tempo azarando as mulheres do local e eu aproveitei para pegar umas dicas com ele.

Demos muitas risadas, falamos sobre os filmes de que gostávamos e até banquei o psicólogo para o John, que estava numa situação não muito boa com a família. Coitado, quem pode culpá-lo de ser viciado em caça-palavras?

No final, quando estávamos nos recuperando da noite surreal e nos preparando para ir embora, ainda consegui autógrafos dos astros de Hollywood. E, como percebi pelos olhares dos três, também deixei minha assinatura num papel para eles, tadinhos, já que não tiveram coragem de pedir.



# EM DIREÇÃO AO AMOR

Gabriel Veloso

Piloto da carreta não pilota o coração; entre várias naves conquistadas, o aprendiz veio desde o meu fusca noventa e sete azul marinho, com rodas cromadas e vidros insuflados no máximo. Até meu Lancer preto com rodas dezessete, a paixão pelos carros sempre veio em primeiro lugar. Por quê? Para mim, amor não passava de ponto de vista. Mas uma coisa que a gente não controla é o coração, não é como conduzir uma nave numa pista monstra, é bem mais complicado.

Dando um rolê na quebrada, avistei uma loira do olho azul. Além de toda a beleza, tinha uma coisa especial no jeito de ela olhar que me cativou e o sorriso de princesa. Não acredito em amor à primeira vista, mas foi isso que aconteceu. Uma sensação tão boa, fiquei parecendo um garotinho quando vai comprar seu primeiro carro.

Continuei meu rolê, passei pela avenida principal que me dava muita dor de cabeça por conta dos faróis, gastei trinta minutos para chegar em casa. Já fui logo guardando meu carro porque estava sem cabeça para sair, só conseguia pensar naquela menina! Em casa, não quis comentar nada com ninguém. Tomei meu banho e saí do banheiro sentindo o cheiro da comida da coroa! O jantar estava ótimo, mãe, obrigado!

Fui para minha cama, cansado, mas, mesmo exausto, não consegui dormir. No outro dia, resolvi tomar uma atitude e chegar nela. Mas tinha que ser



uma aproximação não tão direta, para não assustar a gata! Decidi dar uma volta pela vila, ver se a via novamente.

Descendo a avenida principal, vi que ela estava na lanchonete do Dirceu (por sinal uma das que eu mais frequentava, tinha um PF responsa!). Estacionei meu carro na frente da lanchonete e desci confiante: com uma camisa jeans, calça bege e sapatênis, estava vestido para conquistar aquela gata! Entrei como quem não quer nada e logo quando cheguei bati o olho nela.

Estava sentada no balcão. Ufa! Deu até um alívio, não teria que sentar na mesa dela do nada, seria muito invasivo. Me sentei do lado dela, já começou a subir aquele frio na barriga e meus pensamentos a mil. Então, chega o seu Dirceu:

*“Gabriel, o que deseja?”*

*Quebrou o clima, mas tudo bem!*

*“Vou querer o mesmo da moça, batata com muito cheddar e uma Coca KS.”*

*Ela olhou para mim e disse:*

*“Você vai gostar. É a porção que eu mais amo, nossa.”*

*“Sério? Então também vou gostar.”*

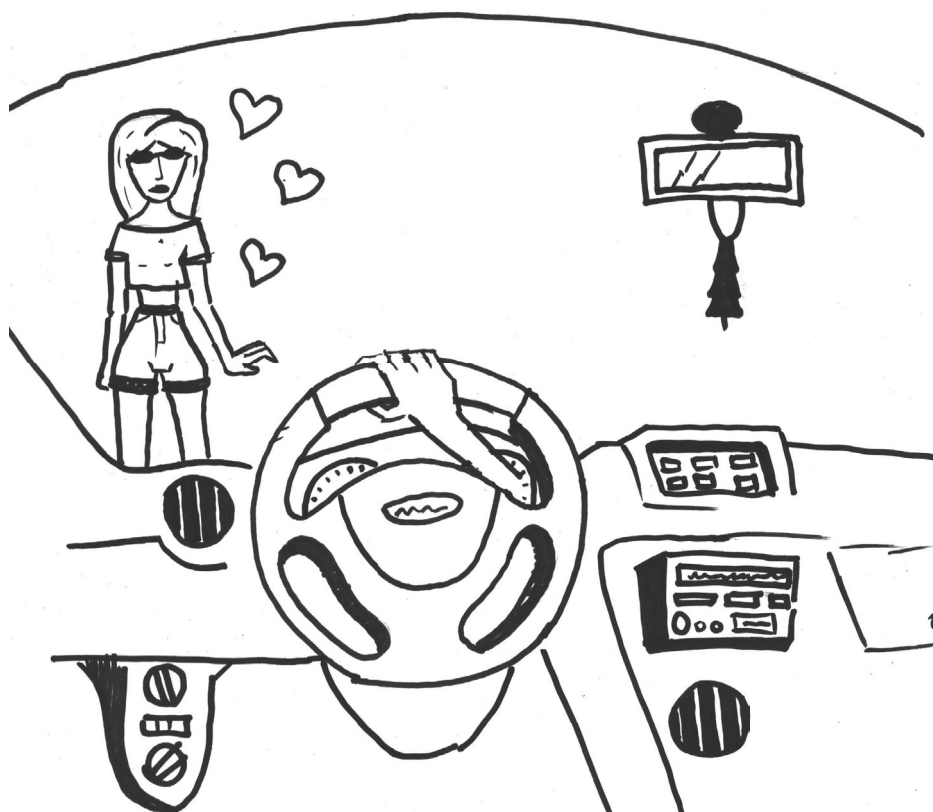
E ficamos nas trocas de olhares. Foram os melhores cinco minutos, nunca tinha passado tanto tempo olhando fixamente para uma pessoa! E começamos a conversar sobre os lanches, melhor conversa de lanches, daí já vi como ela era humilde. Disse para ela que tinha gostado muito do seu papo e puro e verdadeiro. Nisso já tinham se passado duas horas e meia de conversa mas eu queria continuar...

Então, ela me disse: “Gabriel, eu te conhecia, mas acho que você não me conhecia. Sempre admirei sua paixão por carros.”

Na hora que ela me disse isso, meu coração foi a mil pela segunda vez! Tinha encontrado uma menina que falava de carros de um jeito que, meu Deus!

Falava de um motor V8 como as outras discutiam sobre famosos. Rolou o beijo, começamos a ficar e, depois de semanas intensas de amor, num rolê em Ilhabela com meu Lancer, pedi ela em namoro. Eu disse:

“Amor, não quero te iludir falando que vai durar para sempre (não vivemos num conto de fadas). Mas, se a paixão pelos carros e por mim continuar dessa forma, iremos longe.”





As crônicas que compõem o livro refletem o universo dos jovens e suas experiências cotidianas em casa, a caminho e no mundo, temática que dá título à obra e organiza os textos nessas três sessões. Sob a orientação dos docentes Andreia Aparecida de Oliveira Caetano e Eduardo Garcia, a turma optou por desenvolver a criação literária como produto final do projeto integrador de diversas disciplinas do curso.

O projeto se concretizou com aulas e atendimentos feitos pela autora e professora Noemi Jaffe e por Isabela Noronha, que permitiram à turma desenrolar suas histórias. Tendo a integração como premissa do trabalho, a diagramação da obra e criação de capa foram conduzidas por profissionais da área, os docentes Claudio Murena, Evandro Capelasso e Maria Pia em conjunto com os alunos, que desenvolveram também as ilustrações. As fotos do grupo foram feitas pelos assistentes de estúdio e fotógrafos Conrado Carmen e Ed da Ressurreição Junior.

A preocupação com a acessibilidade e o envolvimento da equipe fizeram com que o livro saísse do papel e ganhasse voz: alunos da turma de Locução Comercial gravaram as crônicas, sob orientação da docente Deborah Izola e o assistente de áudio João Luiz Guedes de Campos que resultou na versão de um áudio-livro. A revisão dos textos foi realizada por Aurora Seles.

Parabenizamos as 17 mentes brilhantes da Turma 120 Aprendizagem do Senac Lapa Scipião que colaboraram para a efetiva construção dessa obra literária, e agradecemos todo o esforço e dedicação empreendido nesse projeto.

